

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA PROGRAMA
INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A AMAZÔNIA DE STRADELLI

Bolsista: Marcia Elisa Freire Meneghini, CNPq

MANAUS
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA PROGRAMA
INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB – H – 0019/ 2008
A AMAZÔNIA DE STRADELLI

Bolsista: Marcia Elisa Freire Meneghini, CNPq
Orientador: Profº Drº Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto

MANAUS
2009

RESUMO

A misteriosa Amazônia é construída a partir dos relatos de viagens e das expectativas de cronistas e naturalistas europeus desde o século XVI. Na segunda metade do século XIX, o conde italiano Ermanno Stradelli se interessa pelos povos indígenas e suas culturas, diferentemente dos demais viajantes que o antecederam, cuja preocupação principal era a flora e a fauna amazônicas. Nos 43 anos de Amazônia, Stradelli se dedicou ao estudo e registro das culturas indígenas, dando grande contribuição ao conhecimento da região. Apesar de sua relevância, ele e sua obra são pouco conhecidos. As informações são escassas e estão dispersas. Esta pesquisa levantou alguns dos registros de viagem do conde italiano e, com o apoio dos fundamentos da técnica da compreensão, identificou como sua obra permite ver e entender a Amazônia. Afinal, conhecer qual é a Amazônia construída por Stradelli. É uma tentativa discutir sua trajetória e importância para a ciência no país.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
3 DESENVOLVIMENTO	12
3.1 A Itália, a terra prometida da Europa.....	12
3.2 Manaus, a jovem rainha do Rio Negro.....	15
3.3 Descrição metodológica	19
3.1.1 Os acervos pesquisados	19
3.1.2 O método hermenêutico	20
3.4 Resultados e discussões	22
3.4.1 Onde encontrar Stradelli	22
3.4.2 A Amazônia descrita nos boletins	25
4 CONCLUSÕES	35
FONTES E REFERÊNCIAS	36
5 CRONOGRAMA	40
AGRADECIMENTOS	41

1 INTRODUÇÃO

As primeiras informações sobre as sociedades amazônicas datam do começo da ocupação do continente pelos europeus no século XVI (Roosevelt, 1998). As caracterizações da Amazônia mudam conforme as transformações ocorridas na Europa e, assim, podem ser compreendidas em dois momentos. O primeiro se refere aos relatos de cronistas nos séculos XVI e XVII. Já o segundo corresponde às chamadas expedições científicas e filosóficas nos séculos XVIII e XIX, sob influência das idéias iluministas.

As narrativas fantasiosas do Novo Mundo, ocorridas durante os primeiros dois séculos de ocupação, passam a ser condenadas, uma vez que tal conhecimento não era respaldado pela experiência direta de viagens do narrador ou desenhista. Geralmente, as representações da Amazônia eram feitas à distância, por pessoas que ouviam ou liam relatos imprecisos e depoimentos fantasiosos de viajantes, muitas vezes, reelaborados por seus ilustradores a partir das informações de cronistas. O que passa a influenciar as representações da Amazônia agora são interesses econômicos, políticos, diplomáticos etc, tornando-as dominadoras e autoritárias (Rocha, 1998).

Desta forma, participam da construção da Amazônia naturalistas como La Condamine (1739-1743), Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792), Spix e Martius (1817-1820), Wallace (1848-1852), Henry Bates (1848-1859) e Louis Agassiz (1865-1866). Motivados por uma ânsia classificatória (Isenburg, 1990), realizam expedições científicas e filosóficas, contribuindo consideravelmente para a zoologia da Amazônia, e, também, ainda que em menor proporção, para a antropologia (Vanzoline, 1996).

Na segunda metade século XIX, o estudo do índio passa a ser o centro das atenções de alguns viajantes, como o italiano Ermanno Stradelli (Isenburg, 1990). Ao contrário do que naquele momento era comum, ele se interessa pelos povos indígenas amazônicos, deixando de priorizar a flora e a fauna. Direciona assim seu olhar para o registro das culturas da região,

com trabalhos que são iniciados após sua chegada a Manaus e se estendem até depois de sua morte (1926), quando é publicada sua obra sobre o Nheengatu em 1929. Entre a produção de Stradelli estão os registros de viagens e lendas indígenas, publicados pela Real Sociedade de Geografia Italiana, no *Bolletino della Società Geografica Italiana*.

A Amazônia é um mistério inventado pelos europeus e registrado nas descrições e narrativas de diversos viajantes e cronistas desde o século XVI. Cada um deles escreveu e desenhou uma Amazônia, conforme suas expectativas e experiências (Gondim, 1994). Diante disso, a proposta desta pesquisa é levantar as fontes documentais existentes e disponíveis sobre/ de Stradelli, um dos mais notáveis e apaixonados pesquisadores da região (Barahúna, 1982), para, em seguida, através dos fundamentos da hermenêutica, identificar a imagem da Amazônia construída por ele.

Apesar da relevância de Stradelli para a Amazônia, são poucos os escritores brasileiros, mesmo os especializados na temática amazônica, que conhecem a história e a obra do conde italiano. Esta se encontra esparsa por revistas antigas e desaparecida em páginas mortas de jornais (Moraes, 2001). Somente dez anos depois da morte de Stradelli, em 1936, o escritor brasileiro, Luis da Câmara Cascudo (2001), escreve uma pequena biografia sobre o italiano, resultado de 18 meses de intensa pesquisa, que é hoje referência para as obras em que se encontra o nome do conde.

Na esperança de fazer aparecer um pouco da história e da obra de Stradelli, que hoje estão esquecidas no tempo, será feito um levantamento da produção de/ sobre o conde a partir de visitas aos diversos acervos públicos e particulares. Assim, através da reunião dos boletins de viagem, enviados por ele à *Società Geografica Italiana*, pretende-se realizar análises para identificar de que maneira sua obra permite ver e entender a Amazônia. Descobrir, afinal, a Amazônia construída por Stradelli e, com isso, contribuir de alguma forma para diminuir a ausência de conhecimento sobre a sua presença na Amazônia. É um meio de perceber a sua

repercussão para a história da ciência no Brasil, além de envolver o programa de iniciação científica com um tema pouco explorado e que pode levantar outros problemas para estudos posteriores.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A chegada do europeu ao continente contribuiu para que a Amazônia fosse vista a partir de um “[...] incessante jogo imagístico de ouvir, ver, reproduzir, contar, reescrever” (GONDIM, 1994, p.29). E essas diferentes visões de naturalistas e pensadores são recordadas e confrontadas por Gerbi (1996), que conta a polêmica história deste Novo Mundo das Américas, entre os anos 1750 e 1900, do qual a Amazônia é parte integrante. O primeiro passo, responsável pelo direcionamento de todo o debate, é a retomada dos movimentos de Buffon, que reúne em seus escritos

[...] de forma coerente e científica, pela primeira vez, observações, conceitos e preconceitos que até então se expressam como surpreendentes notícias de terras longínquas, nas narrativas pioneiras de viajantes e naturalistas sobre o Novo Mundo, ou como paradoxos e fábulas polêmicas nos relatos de missionários, nas utopias e mitos do bom e do mau selvagem; sobretudo porque apenas a partir de Buffon a tese da inferioridade das Américas possui uma história ininterrupta, uma trajetória precisa que, passando por De Pauw, alcança seu ápice com Hegel e a seguir se prolonga em sua decadência até a troca de recriminações, as fanfarronadas pueris, as condenações sumárias e as célebres exaltações tão comuns ainda em nossos dias (GERBI, 1996, p.15).

Entre as caracterizações mais correntes da Amazônia estão aquelas realizadas por meio de relatos de cronistas (séc XVI e XVII) e viajantes de expedições científicas e filosóficas (séc XVIII e XIX), que se preocupam em registrar e classificar a flora e a fauna amazônicas. Gondim (1994) discute de que maneira e por quais artifícios a Amazônia é inventada pelos europeus. Ela considera que para eles a viagem representou “[...] a

possibilidade de conhecer, reter e narrar a historiografia da raça humana” (GONDIM, 1994, p.208).

Ao registrar a passagem de naturalistas italianos no Brasil, Isenburg (1990) narra e ressalta a importante trajetória do conde italiano Ermanno Stradelli. Destaca os registros de viagens e lendas indígenas, publicados no *Bolletino della Società Geografica Italiana*, e disponibiliza ao público a versão em português de alguns desses relatos de viagem.

Mesmo depois de 43 anos de vida dedicados a Amazônia, o viajante italiano é pouco conhecido entre os escritores do Amazonas e do país. Sua obra é de difícil acesso e pouco se conhece sobre a sua história. A importância de seu trabalho para o conhecimento da região ainda não foi devidamente reconhecida e “o seu nome, raramente, através de uma referência fugidia, consegue emergir da penumbra que o envolve” (Moraes, 2001).

A visita aos acervos públicos da cidade de Manaus possibilita o levantamento de obras que, de alguma forma, citam o nome ou a contribuição de Stradelli. Muito comum a eles, “Em memória de Stradelli”, de Cascudo (2001), é a maior biografia acessível sobre o naturalista. E hoje é referência para as obras em que se encontra o nome de Stradelli. Outros autores, lembrando os feitos do italiano, escrevem sobre ele com base no trabalho biográfico de Cascudo.

Bittencourt (1973) dedica algumas páginas de seu dicionário de vultos do passado para trazer ao presente a figura de Stradelli. Com a ajuda de Cascudo (2001), conta brevemente quem é o fidalgo de Borgotaro que, ao viajar para Amazônia, destaca-se por melhor desvendar e interpretar a Lenda do Jurupari. Ao propor uma discussão sobre a história da antropologia, Faulhaber (1997) analisa a contribuição etnográfica do italiano e de outros etnógrafos que estiveram na Amazônia no século XX. A citação de Cascudo (2001) é responsável pela parte biográfica de Stradelli no artigo.

Moraes (2001) também rememora a vida de Stradelli e menciona a mais piedosa das homenagens realizada por Cascudo (2001). Desaprova o esquecimento em que se perde a importância do italiano. A literatura na Amazônia é tema de Souza (2004), que dá espaço a Stradelli, um “fidalgo, etnógrafo, rico, corajoso, um herói romântico típico da Amazônia, que a lírica dos povos indígenas começou a ser revelada dentro de uma compreensão artística”.

Mais uma vez aqui está Cascudo. Serve de apoio para que Emmi (2008) sintetize a biografia sobre Stradelli e conceda ao conde italiano um curto parágrafo de sua tese/ livro, quando comenta a presença de italianos nas cidades Amazônicas. Os 43 anos de experiência na região são compactados pela autora na frase em que ela diz que Stradelli “[...] Morreu em 1926, aos 75 anos, tendo publicado vasta obra literária e etnográfica” (156).

Embora a obra do fidalgo seja pouco reconhecida, a autora não o deixa cair no total esquecimento. O trabalho de Emmi (2008) investiga até que ponto a inserção dos imigrantes italianos à Amazônia constituiu um diferencial econômico, político, social e cultural na região. Para tanto, ela reconstrói a história social dessa imigração do fim do século XIX às primeiras décadas do século XX privilegiando as relações sociais, econômicas e políticas desse processo. Conta a história das famílias de imigrantes do Amazonas e do Pará.

O estudo cobre um momento significativo para esta pesquisa, que é a chegada dos primeiros imigrantes (fim do século XIX) e a intensificação da imigração (1900-1930), em que a maioria ainda acalentava o sonho de enriquecer na Amazônia e voltar para seu país. Momento que serve de pano de fundo para contextualizar a vida de Stradelli, na busca por um melhor entendimento das influências de suas idéias.

Ela explica ainda que as referências sobre os italianos que vieram para as cidades amazônicas ainda são escassas e pontuais. A imigração deles para as cidades do Norte limitou-se a um número reduzido de indivíduos, que partem no rastro da economia da borracha, apesar de que “... a grande emigração italiana na América é um fenômeno

complexo, que não pode ser reduzido a uma visão estereotipada e retórica que faz dela um fenômeno mecanicamente determinado por razões econômicas” (EMMI, 2008, p.66).

Recordando os 80 anos de morte do conde, Fontana (2006) tenta escrever uma biografia de Stradelli, sem, contudo, acrescentar novidades ao trabalho já feito por Cascudo (2001), que é bastante citado na obra. O diferencial é que Fontana (2006), além de disponibilizar dois mapas e algumas fotografias, enumera outros trabalhos recentes - realizados depois de concluído o livro de Cascudo - como os de Bartolini (1999) e Boffa (1999).

A pesquisa nos jornais da cidade por notícias que registram, de alguma forma, a presença de Stradelli na região - durante o período de 1879 a 1930 - é orientada por Pinsky (2006), que indica caminhos para coleta, manuseio e interpretação de fontes históricas. A autora ressalta a necessidade de uma leitura historiográfica crítica dos periódicos e, para isso, dá sugestões de procedimento, como, por exemplo, a compreensão da natureza do jornal em questão, sua história e linha editorial. Ela aponta a importância de se compreender em que contexto a notícia está inserida, incitando reflexões sobre a pesquisa em questão. Pinsky também chama atenção

“[...] para um tipo de utilização da imprensa periódica que não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam, mas antes prescreve **a análise circunstanciada do seu lugar de inserção e delinea uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica, rigorosamente inseridos na crítica competente**” (PINSKY, 2006, p.141, grifo da autora).

Pesquisar sobre Stradelli remete a lembrança de Domenico Scandella, o Menocchio, um moleiro herege do século XVI, cuja história é resgatada do esquecimento por Ginzburg (2002). O autor busca as origens das idéias de Menocchio e discute as possíveis influências e contextos, que levam o moleiro a ter opiniões, aparentemente, tão diferentes das de pessoas de

sua época. O personagem de Ginzburg está inserido em um emaranhado de idéias e “mundos”, que acabam por definir seu modo de pensar.

A defasagem entre os textos lidos por Menocchio e o modo como ele os assinalou e os referiu aos inquisidores indica que suas posições não são redutíveis ou remissíveis a um ou outro livro. Por um lado, elas reentram numa tradição oral antiqüíssima; por outro, evocam uma série de motivos elaborados por grupos heréticos de formação humanista [...] (GINZBURG, 2002, p.27).

Desta forma, assim como Ginzburg se preocupa em entender o mundo de Menocchio, pretende-se compreender o que, afinal, fez Stradelli largar a nobre vida de conde, para enfrentar a então pouco conhecida e misteriosa Amazônia. Isso dá margem para questionamentos quanto às idéias que o influenciam. Na verdade, a trajetória de Ginzburg por uma compreensão do mundo de Menocchio ajuda a perceber a importância da contextualização, ressaltada anteriormente por Pinsky (2006). Daí a necessidade de se entender o mundo de Stradelli, onde ele vivia, o que fazia, com quem se relacionava, o que gostava de ler e o que estava acontecendo ao seu redor.

O naturalista Stradelli através de sua obra influencia o olhar de seus leitores sobre a Amazônia. Ensina-os a observar uma imagem da Amazônia construída por ele. Já que ela foi inventada pelos europeus, através das mais variadas descrições de naturalistas e cronistas, desde o século XVI (Gondim, 1994), qual é a imagem da região construída por Stradelli? A fim de identificar essa Amazônia de Stradelli, serão empregados os fundamentos da hermenêutica e, assim, serão analisados os seus boletins de viagem, existentes e disponíveis.

Para tanto, Schleiermacher (2006), Gadamer (2005I, 2002II; 2007I, 2007II) e Ricoeur (1968, 1977, 2006, 2007) são responsáveis por apresentar a arte e a técnica da interpretação. Através da hermenêutica busca-se ler e refletir sobre os textos do viajante italiano, como meio de estabelecer um diálogo e melhor entender suas idéias, uma vez que “[...] a compreensão hermenêutica se dá pela inserção daquele que compreende no horizonte da história e da linguagem [...]” (SCHLEIERMACHER, 2006, p.08).

Em sua maior obra, Gadamer (2005I; 2002II) avalia os trabalhos de seus predecessores, Schleiermacher e Dilthey, e desenvolve uma nova orientação hermenêutica. Sob influência do pensamento existencial e fenomenológico de Heidegger, ele indica a mudança para uma hermenêutica filosófica. O autor destaca em seu trabalho a arte, o entendimento histórico e a linguagem. Para ele, por exemplo,

[...] o modo como experimentamos uns aos outros, como experimentamos as tradições históricas, as ocorrências naturais de nossa existência e de nosso mundo, é isso que forma um universo verdadeiramente hermenêutico. Nele não estamos encerrados como entre barreiras intransponíveis; ao contrário, estamos sempre abertos para o mundo (GADAMER, 2006, p.32).

Ricoeur (2007) reflete sobre as idéias desenvolvidas em seus trabalhos anteriores e discute a memória, a história e o esquecimento dentro da perspectiva hermenêutica. Recupera os pensamentos de autores que se preocuparam com as mesmas temáticas anteriormente, como Platão, Aristóteles, Husserl, Foucault etc. O diálogo com Ricoeur permitirá um esclarecimento quanto ao que vem a ser a memória, a história e o esquecimento, e de que maneira isso poderá estar ligado à imagem de Stradelli. Indicará, enfim, os caminhos de reflexão para o descobrimento da Amazônia de Stradelli.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 A Itália: terra prometida da Europa¹

Era o auge do Ressurgimento (1848-1870). O Romantismo estava em declínio. O ímpeto revolucionário do povo italiano se acalmava. Pátria, fé e liberdade deixam de ser expressão de revolta para se tornar palavras de ordem universalmente reconhecidas e consagradas pelo uso (Conosci, 1961). Esse é o cenário da Itália do dia oito de dezembro de

¹ GERBI, 1998.

1852. Dia em que nasce em Piacenza o primogênito do castelo de Borgotaro, Ermanno Stradelli, de uma família nobre de origem lombarda.

Nos anos que antecedem o nascimento de Stradelli havia grande movimentação pela conquista da liberdade. Desde 1800 se espalha o espírito da independência. A história da literatura italiana se confunde com a da política. Com o Romantismo, o pensamento, a arte, a literatura, toda a cultura italiana daqueles anos se transforma em instrumento da grande obra de redenção nacional (Conosci, 1961). Destacam-se as poesias de grandes intérpretes do romantismo italiano, como Giacomo Leopardi e Alessandro Manzoni.

La storiografia cerca nel passato gli incitamenti per il presente; rivive, nell'antica lotta dei Comuni contro gli imperatori tedeschi, le passioni e gli ideali delle lotte risorgimentali per l'indipendenza e la libertà. E l'opera degli storici trova, negli artisti e nei letterati, i suoi interpreti e i suoi divulgatori; mentre la pittura e la scultura traducono in immagini suggestive le figure dei protagonisti e gli episodi della storia italiana, la letteratura colorisce di sentimento e di fantasia le rievocazioni delle antiche glorie (CONOSCI, 1961, p.235).

O cenário do processo de criação de um Estado independente italiano é o da diversidade de idéias e de sentimentos. “... Não havia unanimidade, contudo, na definição de como deveria ser esta Itália” (BERTONHA, 2008, p.49). Personagens importantes da corrida pela unificação são citados e suas histórias descritas por Bertonha (2008), pesquisador do CNPq, dedicado ao estudo do fascismo e da imigração italiana. O autor apresenta uma breve história da Itália. Comenta os principais acontecimentos, que a levaram a se tornar o que é atualmente, enfatizando os aspectos cultural e político. Ele aponta os apelos nacionalistas, como, por exemplo, a criação de heróis e monumentos como recursos para unificação de pessoas que quase nada tinham em comum.

[...] o próprio processo de unificação teve de ser reescrito e repensado para atender às novas necessidades do recém-criado Estado. A idéia de intensa participação popular nas guerras de unificação foi criada, apesar de não corresponder á realidade. Também os ‘pais fundadores’ da Itália – Mazzini, Garibaldi, Cavour e Vittorio Emmanuele – foram

colocados como irmanados, lutando lado a lado pela Itália, quando, na verdade, seus projetos de 'Itália' apesar de não completamente incompatíveis, não eram os mesmos (BERTONHA, 2008, p.58).

A Unificação ocorre em 1861, quando é constituído o reino da Itália pelo rei Vitor Emanuel II. Até então o país era dividido em pequenas cidades-estados, sob o poder de estrangeiros franceses, espanhóis e austríacos. Cidades fracas em relação às grandes potências européias. Em 1871, Roma torna-se capital do país (Delta, 1980).

Já unificada e com a criação de um mercado internacional, a Itália agora começa a lidar com mudanças na economia e na sociedade. As dificuldades econômicas, existentes desde o início do processo de unificação, agravam-se no decorrer do século XIX, e intensificam a imigração de muitos à procura de melhores condições em outros países da Europa e da América. Vale lembrar, contudo, que os constantes deslocamentos dos italianos compõem sua história e levam alguns estudiosos sobre imigração a pensar na cultura da mobilidade como prática secular deste povo (Emmi, 2008). As discussões sobre o tema admitem várias razões, de ordem econômica, política, cultural ou mesmo pessoal, para algo recorrente desde os tempos mais remotos.

A entrada desses imigrantes no Brasil insere-se no contexto das grandes migrações internacionais do século XIX resultantes de transformações sócio-demográficas da população européia. Essas transformações, aliadas às mudanças decorrentes da expansão capitalista e às mudanças políticas ocorridas em muitos países europeus, trouxeram como resultado a produção de excedentes populacionais canalizados para as migrações transoceânicas (EMMI, 2008, p.73).

Antes de completar 27 anos, idade em que parte de sua terra para o Brasil, o conde vive em uma Itália em fase de consolidação da unificação, após sair de uma eufórica luta pela liberdade, intensificada pelo romantismo da época. Uma pátria em adaptação às conseqüências das muitas mudanças pelas quais ainda passa. Como isso influencia o

pensamento de um jovem fidalgo de então 19 anos? Que notícias do Novo Mundo chegam a ele? Após a morte do pai e de interromper o curso superior em ciências jurídicas, na universidade de Pisa, o que o leva a desistir de conhecer a África, para, com o apoio da Real Sociedade de Geografia Italiana, viajar para o Brasil? E, mais, por que ir, especificamente, a Amazônia?

3.2 Manaus, a jovem rainha do Rio Negro ²

O ano de 1870 marca o início de muitos acontecimentos também na Amazônia. Começa o período áureo da borracha, que se estende até 1910 (Souza, 2007). De uma recém elevada Vila da Barra à categoria de cidade, por lei provincial de 1848, Manaus, com pouco mais de dez mil habitantes, sem água canalizada nem iluminação, se torna centro do comércio de aviamento dos seringais (Loureiro, 2002). Os lampiões clareiam as noites. Os dejetos humanos são jogados no meio do rio Negro após as dez da noite em carros apropriados. Era a capital do Amazonas,

[...] que começara a crescer, dobrando de tamanho, a partir da praça Dom Pedro II, pela atual Sete de Setembro, rumo à praça 28 de Setembro (praça da Polícia); pela estrada Epaminondas, até o cemitério São José; para os Remédios após a construção da ponte de ferro, sobre o igarapé do Aterro, e para a praça de São Sebastião, além de casas e chácaras esparsas, ao longo da estrada Correa de Miranda, hoje Joaquim Nabuco, tudo isto graças ao movimento comercial da produção da borracha, com preços sempre crescentes, pois se descobriam mais e mais utilidades para ela e a oferta não acompanhava a procura (LOUREIRO, 2002, p.15).

Os movimentos migratórios são intensificados pela expansão do capitalismo europeu (Emmi, 2008). A população cresce mais rapidamente. Manaus se torna centro urbano, com sistemas de serviços modernos, nos moldes europeus. E, finalmente, em 1888 começam a

² STRADELLI, p.225, 1889.

chegar os sistemas de iluminação e água encanada. Aos poucos, as populações nativas e indígenas são substituídas pelos emigrantes nordestinos (Loureiro, 2002), que chegam em grande número, fugidos da seca em busca de melhores condições econômicas na promissora comercialização de látex. Enfim, a estrutura da cidade vai sendo definida por práticas sociais e conflitos entre os vários agentes produtores do espaço urbano. Mas quando chega a década de vinte, a máscara da harmonia, da ostentação dos casarões, não consegue esconder a crise da cidade, dos vencidos, das contradições e dos conflitos (Oliveira, 2003).

Os anos que se estendem de 1870 a 1910 são o emblemático período áureo da borracha [...] fase em que foram engendradas condições econômicas, que fizeram eclodir, nas duas capitais de Estados amazônicos, versões locais da *Belle Époque* européia. É a fase em que Belém e Manaus deixam de ser pequenas cidades em suas configurações urbanísticas, com crescimento lento e vegetativo, para se tornarem centros urbanos dinâmicos planejados segundo modelos europeus e equipados com sistemas de serviços modernos, tais como luz elétrica, telégrafo por cabos submarinos [...], ruas arborizadas com espécies adequadas ao clima, vias públicas calçadas com paralelepípedos de granito importados, praças e outras áreas verdes públicas amplas e planejadas, sistemas de transportes, servidos por bondes elétricos alguns dos quais extremamente luxuosos... (SILVA, 2007, p.326-327).

Stradelli ali chega em 1879. Na verdade, após a morte do pai, quando interrompe o curso superior em ciências jurídicas na universidade de Pisa, ele se prepara para conhecer a África, estudando topografia, homeopatia, etnologia, botânica, zoologia e fotografia. No entanto, muda de idéia e, abandonando a vida de conde na Itália, viaja para o Brasil, com o apoio da Real Sociedade de Geografia Italiana (Loureiro, 2002).

A partir de então, realiza diversas viagens pelos rios da Amazônia, onde tem a oportunidade de conhecer os povos que ali se encontram e conviver, principalmente, com os Tariano, do rio Uaupés. Juntamente com Maximiano José Roberto, índio Tariano, companheiro de viagens, recolhe e registra várias lendas e costumes nos boletins, tais como *La spedizione Stradelli alle sorgeti dell'Orenoco* (1887); *Dall'isola Trinidad ad Atures*

(1887); *Contro l'immigrazione nei paesi dell'alto Orenoco* (1888); *Note di viaggio nell'alto Orenoco* (1888); *Del Cucui a Manaus* (1889); *Rio Branco, note di viaggio* (1889); *L'Uaupés e gli Uaupés* (1890); *Leggenda dell'Jurupary* (1890); *Leggenda del Taria* (1896); e *Iscrizioni Indigene della regione dell'Uaupés* (1900) (Cascudo, 2001).

O boletim é uma publicação da Sociedade Geográfica Italiana, fundada em 1867, em Firenze, sem fins lucrativos, a fim de promover a cultura e os conhecimentos geográficos e se aventurar em atividades de pesquisa em terras recém descobertas. Atualmente, prevalecem atividades de promoção de pesquisa científica e de divulgação, de programas de estudos sobre o território e o ambiente, com viagens de estudo e convênios em colaboração com outras associações e instituições italianas e estrangeiras. O nome de Stradelli é lembrado entre aqueles que deram honra a Sociedade e dos quais o arquivo conserva material precioso; como um dos pesquisadores, homens de ciência e cultura. Está no site da Sociedade, na parte de descrição do *Archivio Storico*, que

*[...] conserva e tramanda la memoria dell'attività della Società geografica italiana dalla sua fondazione. Esso custodisce la preziosa documentazione sulla storia dell'Istituto nei suoi rapporti con geografi, esploratori, viaggiatori, uomini di scienze e di cultura. Tra coloro che diedero lustro al Sodalizio e dei quali l' Archivio conserva materiale prezioso vi furono Orazio Antinori, Giacomo Bove, **Ermanno Stradelli**, Vittorio Bottego, Umberto Nobile, Giotto Dainelli, Filippo de Filippi. L'Archivio Storico è strutturato in fondi distinti che consentono di salvaguardare l'unità di provenienza dei singoli documenti: tra essi i fascicoli delle Presidenze della Società, le relazioni degli esploratori con i risultati scientifici dei viaggi intrapresi, atti dei congressi geografici, corrispondenze, taccuini, schizzi, disegni (SOCIETÀ, 2009, grifo nosso).*

Atualmente, o nome de Stradelli aparece também entre os de muitos outros, autores conhecidos e reconhecidos, por trabalhos sobre a Amazônia, embora assim ele não o seja. E lá está ele, entre histórias de viajantes, naturalistas e cronistas europeus, que abandonam suas terras para descobrir a Amazônia e registrar a flora, a fauna e as culturas da região.

Nos 43 anos de Amazônia, contudo, a contribuição mais substancial de Stradelli (1929) ao conhecimento da região é sua obra sobre a língua geral, o Nheengatu, que inclui vocabulários bilíngües, estudos gramaticais e lendas. A maior parte desse material foi colhida nas regiões dos rios Negro e Solimões e conta com observações tanto de natureza etnográfica quanto botânica e zoológica (Moreira Neto, 1983). Além disso, demarca terras, desenha mapas (Stradelli, 1901; 1906), descreve viagens (Stradelli, 1889; 1890), registra lendas indígenas (Stradelli, 1890; 1896; 1900) e contribui com artigos para a Revista de Direito de Antonio Bento de Faria, área em que também é admirado (Bittencourt, 1973). Viaja com o botânico Barbosa Rodrigues em expedições pelos rios. E volta algumas vezes à Itália, apenas para visitar familiares e terminar a graduação em direito.

Naturalizado brasileiro, Stradelli trabalha como promotor público em Manaus, Lábrea e Tefé. Por causa da lepra, é exonerado em 1923. Morre solitário três anos depois, em um leprosário na comunidade de Umirizal, em Manaus (Casculo, 2001), após uma vida totalmente dedicada a conhecer, interpretar, divulgar e amar a Amazônia (Fontana, 2006). Hoje nem sua sepultura existe (Loureiro, 2002) e pouco se sabe sobre sua vida e obra (Moraes, 2001). Parece tratar-se mesmo de uma figura estranha, que aqui chegou cheia de ideais, e acabou tendo um triste fim longe da família e sem amigos. Um nobre e rico conde europeu com um futuro garantido, se não ousasse redescobrir a Amazônia (Loureiro, 2002).

A curiosidade em descobrir o que o traz motiva a investigação por suas história e obra. E, como bem o sabe Emmi (2008), “[...] A constatação de que essa Amazônia, terra de imigrantes, é até o presente, pouco conhecida motiva e justifica estudar a presença italiana no desenvolvimento dessa região” (p.34).

3.3 Descrição Metodológica

3.1.1 Os acervos pesquisados

Na busca de informações sobre a presença e a obra de Stradelli na Amazônia, foram visitados os acervos públicos da cidade, tais como as bibliotecas municipais Arthur Cezar Ferreira Reis e João Bosco Pantoja Evangelista, bem como a do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - Inpa e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHA. A Biblioteca Pública do Estado permanece desativada. Também foram feitas pesquisas nos acervos das bibliotecas do Museu Amazônico e da Universidade Federal do Amazonas.

O valor da obra de Stradelli, o que ele representou para a ciência no país, não corresponde ao tratamento dado a sua imagem e história: silêncio. Afinal, por que é tão difícil (re) conhecer Stradelli? Pelo menos no momento de realização desta pesquisa, o silêncio dá lugar a uma reflexão sobre o trabalho do pesquisador italiano.

As atividades iniciaram no mês de agosto do ano passado (2008), a partir da visita ao acervo de jornais do IGHA. No entanto, por estar fechado para o atendimento ao público, o instituto não tem um horário fixo de funcionamento. Embora um acesso especial seja permitido, as portas se encontram fechadas na maior parte do tempo, o que inviabiliza a pesquisa. Passaram a ser consultados, então, os jornais microfilmados do Museu Amazônico.

Logo nas primeiras semanas, ao visitar esses acervos, percebeu-se que não seria possível pesquisar a quantidade de jornais do período de 1879 a 1930, como fora proposto no projeto. Há uma quantidade absurda de jornais para o tempo previsto de realização do trabalho. Além da escassez de informações sobre Stradelli, é preciso lidar, ainda, com as dificuldades de acesso às fontes existentes. Por isso, os objetivos foram redimensionados.

Como a proposta do trabalho, além da pesquisa nos jornais, prevê leituras e análises de parte da obra já existente e disponível de Stradelli, foi priorizado este último momento. Os

boletins de viagem foram lidos e analisados, conforme os fundamentos da hermenêutica, para identificar de que maneira sua obra permite ver e entender a Amazônia.

3.1.2 O método hermenêutico

Apesar de a palavra Hermenêutica ser geralmente seguida de muitas interrogações e testas franzidas, mesmo quando pronunciada em corredores acadêmicos, ela é algo comum a todos; faz parte do dia-a-dia de qualquer pessoa. Qualquer um que se esforce em entender o que o outro diz, ou que tente interpretar o que é dito, em uma despreziosa conversa na fila da padaria, ou no ponto de ônibus, embora não o saiba, está fazendo o uso da Hermenêutica. Seus fundadores, então, buscam nada mais do que uma teoria para o entendimento das palavras, para, afinal, desfranzir testas.

Ao contrário do que se pensa, ela não está limitada a produções literárias nem depende de que o discurso esteja fixado para os olhos através da escrita. “... a arte de compreender está internamente conectada com a arte de falar e com a arte de pensar” (SCHLEIERMACHER, 2006, p.15). Ocorre sempre onde se deseja apreender pensamentos ou desencadeamentos de pensamentos através de palavras. Isso porque “[...] existe para cada um o estranho nos pensamentos e expressões de um outro, e isto nas duas exposições, a oral e a escrita (SCHLEIERMACHER, 2006, p.33).

De fato, a Hermenêutica surge como arte e a técnica da interpretação a partir do esforço dos gregos para preservar e compreender seus poetas. Em seguida, passa a ser empregada para explicar e interpretar as Sagradas Escrituras (exegética), desenvolvendo-se na tradição judaico-cristã até, no Renascimento, serem estabelecidos três tipos, como hermenêutica teológica (*sacra*), filosófico-filológica (*profana*) e jurídica (*júris*) (Schleiermacher, 2006). O pensamento de Schleiermacher é influenciado pelos “pais” da

hermenêutica moderna, Friedrich August Wolf e Friedrich Ast, que estabeleceram as regras para a interpretação correta dos textos bíblicos, legais e clássicos.

Ao conversar com um amigo, Schleiermacher (2006) conta que se surpreende realizando operações hermenêuticas. Isso ocorre porque quando não se satisfaz com o nível comum de compreensão do que é dito, procura discernir como pode ocorrer a passagem de uma idéia a outra; o que o faz se expressar deste modo e não de um outro.

Quem poderia conviver com pessoas espiritualmente distintas sem que se esforçasse para entender entre as palavras, como nós lemos entre as linhas dos escritos inteligentes e densos, quem não desejaria fazer uma consideração precisa de uma conversação significativa, suscetível de facilmente tornar-se de vários modos também uma ação importante, quem não procuraria nesse caso colocar em relevo os pontos salientes e apanhar o seu desencadeamento interior, e seguir todas as discretas insinuações? (SCHLEIERMACHER, 2006, p.33).

Gadamer (2005) parte da arte para questionar se os métodos de compreensão podem também ser válidos para os textos. Entende a importância de reconstrução do “mundo” e da origem a qual pertence à obra - seja uma obra de arte ou um texto - e seu autor. No entanto, diferentemente de Schleiermacher, admite que a vida reconstruída não é a original. Logo, “[...] a atividade hermenêutica que entenda a compreensão como a reconstrução do original não passa de um exercício de transmissão de um sentido morto” (GADAMER, p.234, 2005).

Defende a idéia de Hegel, quando este diz que “[...] a essência do espírito histórico não consiste na restituição do passado, mas na mediação com a vida atual feita pelo pensamento” (IDEM, p.236). Isso porque “[...] tudo o que já não está imediatamente em seu mundo e não se expressa nele e para ele [...] encontram-se despojados de seu sentido original e dependem de um espírito que as interprete e as intermedie” (IDEM, p.231)

A discussão de Gadamer é longa e as vozes de muitos filósofos e estudiosos do homem ganham vez, assim como a de Hegel, Sócrates, Platão, Spinoza, Kant, Aristóteles, Goethe, Vico, Nietzsche, Dilthey etc. As idéias são debatidas em nome do melhor

entendimento da arte da compreensão de Gadamer. E os fundamentos dessa arte contribuem para se pensar, junto com outros autores, a obra de Stradelli. Longe de se pretender encontrar uma incrível verdade, esta pesquisa tem como objetivo tirar a obra do viajante italiano da escuridão, das prateleiras empoeiradas e esquecidas, para estimular o debate de suas idéias e percepções. Apresentar mais um - não menos importante - entre os muitos retratos da Amazônia.

3.4 Resultados e Discussões

3.4.1 Onde encontrar Stradelli

Durante os dois primeiros meses de trabalho - agosto e setembro de 2008 -, foram pesquisadas no acervo do Museu Amazônico, as edições existentes do jornal “A Imprensa” do ano de 1917. Trata-se de um órgão do partido Republicano amazonense, cujo diretor político, na época, era Alfredo da Matta. Apesar de haver muitas variações de uma edição para outra, a estrutura do jornal tem certa regularidade.

Ele apresenta quatro páginas. A primeira é a capa, que mostra as chamadas das matérias da edição. A segunda é basicamente dedicada a notícias sobre o governo e a política. A terceira fornece ao leitor informações sobre o comércio e a navegação, bem como dá espaço a artes e folhetins. A quarta e última página é inteira de anúncios e propagandas.

De acordo com as edições do jornal “A Imprensa” do ano de 1917, a cidade de Manaus era palco de muitos acontecimentos e sofria também as conseqüências do que acontecia no país e no mundo. Na cidade, Anísio Jobim, Alfredo da Mata, Araújo Lima, Miranda Leão, Lima Bacury, Vivaldo Lima movimentam a cena intelectual. Surge o IGHA. A desvalorização da borracha é tema freqüente. Já há problema de transportes. Rondon faz suas expedições pela região. Adriano Jorge e Nunes Pereira escrevem muito sobre literatura e

filosofia. Existe preocupação com a questão agrícola. Discutiam-se os limites entre Mato Grosso e Amazonas, bem como Pará e Amazonas.

No Brasil e no mundo fala-se da primeira guerra mundial e de seus efeitos. Eclode a Revolução Russa. O movimento feminista assume maiores proporções. Morre Oswaldo Cruz. Há sempre muitas notícias de Portugal. As relações com a Itália e o patriotismo italiano são temas de artigos e notas. O jornal apresenta cobertura das eleições no país e no mundo. Registra a reforma da Constituição Mexicana e a organização do estado do Acre. Faz campanha contra o jogo do bicho. Critica o mau comportamento das pessoas no cinema. Alerta para o perigo da tuberculose. As primeiras páginas falam com frequência sobre a República e o início do governo de Alcântara Bacelar e Ayres Almeida.

Apesar de o ano de 1917 não ser, a princípio, um ano de muita produção de Stradelli, foram encontradas notícias de sua presença no estado. Desde 1912, ele exercia função de promotor público de Tefé e não produzia mais como no período em que viajava pela região e escrevia os boletins.

A edição do jornal “A Imprensa” de número 109, de 08 de janeiro de 1917, não faz referência ao aniversário de Stradelli. Mas na edição do dia 24 de março do mesmo ano, na página 03, há uma solicitação de pagamento ao governador Pedro de Alcântara Bacelar de “Hermano Stradelli, de sua nomeação para promotor público da comarca de Teffé (sic) [...]” (A Imprensa, 24 mar 1917).

Pouco mais de um mês depois, na edição número 217, há uma ordem de pagamento do governador a “Hermano Stradelli, pedindo pagamento do primeiro estabelecimento a que se julga com direito por ter sido nomeado promotor público no termo de Teffé (sic) [...]” (A Imprensa, 28 abr 1917).

É interessante considerar, que, naquele momento, vivia-se um período de dificuldades quanto ao pagamento de funcionários públicos. Isso pode ser mais bem entendido através de

uma matéria da edição 140 do mesmo jornal, do dia 08 de fevereiro, sobre a questão do atraso do pagamento do funcionalismo público do estado. Nela, alega-se que o motivo do atraso seja a má administração anterior. Isto é, o governo de Constantino Nery do ano de 1907.

Ainda no acervo do Museu Amazônico, foram pesquisadas todas as edições existentes dos jornais disponíveis dos anos de publicação dos boletins de viagem (1887, 1888, 1889, 1890, 1896, 1900), tais como: O Corneta (1888), O Equador (1888), O pão (1890), O Manicoré (1900) etc. Não há microfilmes dos jornais dos anos 1887, 1889 e 1896.

Após alguns contatos e pesquisas na internet, descobriu-se a existência de um filme-documentário sobre o conde, chamado *Stradelli: il figlio del serpente incantato* (o filho da cobra-grande), do documentarista italiano Palladino (2006), em homenagem aos 80 anos de sua morte, no ano de 2006. No entanto, apenas o trailer está disponível na internet, o filme não se encontra acessível. A pesquisadora da Universidade de São Paulo - USP, Aurora Fornoni Bernardini trabalha atualmente com a tradução para o português dos boletins de viagem de Stradelli, o que, em breve, tornará a obra do naturalista italiano mais acessível ao público.

De acordo com Fontana (2006), há um vídeo, *Yurupari: rito e danza della memoria indígena*, de Boffa (1999), baseado em uma expedição realizada em 1998, lembrando a trajetória de Stradelli. Daí surgiu também o livro fotográfico *Vaupés: il fiume de stelle e la palma della música*, de Bartolini (1999).

Apesar de relevante para formação da pesquisadora - informações diversas sobre o Amazonas, Manaus e seus povos, e não somente pelo desejo de descobrir notícias sobre Stradelli -, as investigações e leituras dos jornais foram interrompidas, uma vez que as dificuldades do método hermenêutico impuseram maior dedicação de tempo a seu entendimento.

Os meses de fevereiro, março, abril e maio do corrente ano foram dedicados a leitura dos boletins de viagem de Stradelli, na tentativa de, desta maneira, apresentar a imagem da Amazônia por ele construída. Os fundamentos da hermenêutica de Gadamer (2005I, 2002II; 2007I, 2007II) e Ricoeur (1968; 1977; 2006; 2007) foram empregados na tentativa de melhor interpretar e compreender os textos do naturalista italiano. Houve também buscas por outras informações a respeito dos anos em que Stradelli viveu na Itália e em Manaus, a fim de esclarecer algumas dúvidas sobre sua vida e obra.

3.4.2 A Amazônia descrita nos boletins

Como já foi dito, alguns boletins de Stradelli, juntamente com trabalhos de outros italianos, que estiveram no Brasil, foram traduzidos e organizados parcialmente por Inseburg (1990). Do conde italiano, há relatos da viagem por ele realizada aos rios Rio Negro (De Cucuí a Manaus), Rio Branco (Rio Branco, note di viaggio) e Uaupés (L'Uaupés e gli Uaupés) da Amazônia, entre os anos de 1888 e 1889, publicados no *Bolletino della società geografica italiana*. E essa é a “janela”, entre outras possíveis, escolhida neste estudo, para se observar a Amazônia de Stradelli.

De um modo geral, neles o conde descreve detalhadamente os rios e os aspectos geográficos de seus percursos, destacando as condições de navegabilidade. Assinala a fauna e a flora observadas. Indica as etnias que encontra com seus aspectos físicos, costumes, organização social, localização, gênero, festas, caça, moradia, pesca, relações com outras etnias, rivalidades etc. Dedicou pedaço considerável para comentários sobre as etnias existentes ou não naquele momento, por exemplo, no rio Amazonas, como Macuxi, Uapixana, Porocotó, Pauixana, Maracanã etc.

O naturalista fotografa incisões existentes sobre pedras. Com senso de humor, lembra de acontecimentos engraçados, ocorridos com ele mesmo ou não. Demonstra, por exemplo,

ter se divertido com o fato de ter sido confundido com Coudreau em determinada localidade. Confronta o que observa com o que ouve de informantes e com o conhecimento prévio de relatos de outros viajantes, que por ali também passaram, tais como Gama Lobo d'Almada, Wallace, Coudreau, Humboldt etc. Ao escrever sobre o Rio Branco, destaca que

[...] O primeiro a navegá-lo e dar-lhe um roteiro foi, em 1740, Francisco Xavier d'Andrade, que explorou até as fontes; depois dele, em 1787, o Gama Lobo, seguido de outros, de quem não me recordo o nome, e ultimamente, em 1882, pela Comissão Araújo, já tantas vezes citada, que foi seguida em 1884 por Coudreau, que tomando o inútil quebra-cabeças de levantá-lo, resultou num mapa eivado de erros grosseiros (STRADELLI, p. 261, 1889).

A forma descritiva e o cuidado da escrita, sempre deixando claro a quem o lê quando se trata de observação ou opinião, demonstra uma preocupação do viajante italiano em apresentar um retrato fiel da realidade amazônica visitada. Algumas vezes acontece de o conde se reservar em seu desconhecimento, como no seguinte registro: “[...] Transmito tal como ouvi, mas não acrescentarei nenhum comentário” (STRADELLI, p.301, 1889).

Preocupa-se com o rigor científico de seu trabalho e desaprova quem registra além do que vê. Ele argumenta que “Se todos escrevessem apenas o que viram e constataram, parece que se saberia algo de menos, na verdade, saber-se-ia bem mais do que se sabe hoje, porque seria sabido o que realmente é sabido; e o que não se sabe, é melhor não saber, do que sabê-lo mal” (IDEM, p.276).

Faz questão de dar os créditos do que conta quando não se trata de algo pessoalmente observado por ele. Assim como narra a trajetória dos rios, identifica quem e como vive no local por onde passa. Descreve os costumes e o cotidiano dos moradores. A narrativa é marcada pelo emprego de palavras e termos de origem indígena, explicados em sua maioria e, que, postumamente, são publicados no dicionário Nheengatu. Comenta bastante a presença

das Missões nas aldeias indígenas. Nesse aspecto, sai da descrição e passa a análise das relações entre os indígenas e os missionários e as mudanças delas resultantes.

Schleiermacher (2006) orienta a leitura da obra de Stradelli, na medida em que ressalta a necessidade de se saber em qual o período o escritor está inserido, uma vez que “... a tarefa da hermenêutica consiste em reconstruir do modo mais completo a inteira evolução interior da atividade compositora do escritor [...]” (IDEM p.39). Daí a tentativa de reconstrução da época em que o conde viveu na Itália e no Amazonas. E disso, é possível absorver que ao entrar em contato com os povos indígenas, por meio de suas viagens pelos rios da região, ele pode perceber mais claramente a realidade e as alterações trazidas pelo mundo europeu a toda a Amazônia. Talvez esse seja o aspecto que mais o influencie em seus registros de viagem.

Para entender o mundo de Stradelli e suas formas de pensar, é importante relacionar as diferentes maneiras de se avaliar mundos, com a ajuda de autores como Ginzburg (2004, 2007), Becker (2007), Bourdieu (1989), Baxadal (2005), entre outros, que valorizam a reconstrução histórica das idéias. Afinal, Bourdieu (1989) mesmo é quem assegura ao cientista social a liberdade para se associar técnicas e teorias conforme as necessidades da pesquisa em questão. Por isso, é importante assinalar a contribuição do método indiciário de Ginzburg, o truque analítico de Becker (2007), além, é claro, dos fundamentos da hermenêutica para melhor orientação da leitura da obra do naturalista italiano.

[...] a pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a *rigidez*, que é o contrário da inteligência e da invenção, como *rigor*, e se ficar privado deste ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais da disciplina – e das disciplinas vizinhas: etnologia, economia, história (BOURDIEU, p.26, 1989).

A aplicação do truque analítico de Becker (2007) para o presente tema consiste em ver as indicações de como Stradelli enxerga a Amazônia e o que o levou a percebê-la desta maneira. Para tanto, é preciso, conforme o autor, uma recomposição de processos e histórias.

Ao valorizar esse tipo de recomposição, Sayad (1998) também contribui ao apresentar seus estudos sobre imigração de maneira diferente da que até então se fazia. Entende-a em sua totalidade, desde suas origens, dialogando com elementos da economia, história, geografia, antropologia, política etc. É um fato que não pode ser estudado isoladamente, sem as muitas relações e fatores que o influenciam.

As idéias defendidas por Sayad (1998) se materializam em algumas palavras registradas por Stradelli em seu boletim. O viajante parece querer sempre demonstrar um bom relacionamento e até certa intimidade com os povos da Amazônia para aqueles que o lêem - a comunidade científica italiana, como no trecho que segue: “[...] A maravilha causada por minha chegada foi grande, mas tive a satisfação de ver rostos amigos por todos os lados, e se tivesse acedido aos cordiais convites, não teria partido rapidamente” (STRADELLI, p.214, 1889). Ou ainda como neste outro: “[...] e eu, por atenção especial, recebi um banquinho para sentar-me” (IDEM, p. 300). Em outra parte, ele entende ser percebido como um membro da aldeia.

[...] ocorreu-me mais de uma vez encontrar, ao entrar numa choça, todas as pessoas que ali habitavam, em plena liberdade [sem roupas]; e se, caçando, chegava a algum campo lavrado, onde os cães, conhecendo-me, não latiam, podia sem dificuldade, apreciar as belezas indígenas, sem que nenhum véu importuno as ocultasse (IDEM, p.282).

No entanto, ele era um estrangeiro, e, apesar de toda estima e hospitalidade, assim era considerado, como no caso em que relata sobre a bebida Capi, como se segue: “[...] As mulheres não bebem capi, e a mim, não o quiseram dar [...] Mais tarde tive a chave de porque não quiseram dar-me o capi [...] porque nele estavam pulverizados os ossos do morto, e eu era um estrangeiro” (IDEM, p.301).

Para Sayad (1998), o imigrante, neste caso também o estrangeiro, caminha entre dois mundos sem, contudo, deles fazer parte. Os povos amazônicos o vêem como um estrangeiro e

os italianos, por sua vez, já o percebem como alguém diferente. A mudança de costumes, o abandono da nobreza, o estigma de aventureiro e viajante são responsáveis para a transformação de Stradelli ou seriam resultado dessas mudanças. Não é mais um nobre italiano, pura e simplesmente. Nem um brasileiro ou amazônida. Por razões diferentes, muitas ainda desconhecidas, em relação às relatadas por Sayad (1998), o conde deixou sua terra para vir a Amazônia e se tornou um imigrante; um “nada”, não fosse hoje sua obra lembrada por meia dúzia de estudiosos da região.

Ao chegar a Manaus, ele observa de perto as transformações decorrentes do domínio da atividade econômica da borracha, que levam Manaus a deixar de ser uma pequena vila para adquirir formas de centro urbano. Uma nova realidade para seus habitantes; boa para uma pequena elite extrativista e ruim para a grande massa de pobres. As políticas do governo eram em nome de uma estética européia de civilização, para benefício e manutenção de quem tinha dinheiro. Eis a “Paris dos Trópicos”, de obras suntuosas, riqueza e ostentação, sustentada pela imitação dos estilos de fora, considerados “civilizados”. E isso só “[...] foi possível numa sociedade marcada por um processo de colonização cuja principal característica foi a destruição da natureza e da cultura local” (OLIVEIRA, p.137, 2003).

Os pobres da cidade eram ninguém, seus rostos queimados pelo sol e suas mãos calejadas pelo manuseio de pedras e tijolos das grandes construções, seus corpos impregnados do odor da borracha não contam na espacialização da cidade. Eles eram os outros, e a cidade moderna não tinha lugar para eles. A cidade estava capturada pelo mercado, sendo o seu espaço não apenas a mediação, mas principalmente a descontinuidade do cotidiano programado em que predominava o tempo da produção do lucro. A cidade do período da borracha era um simulacro (OLIVEIRA, p.135, 2003).

Stradelli via de perto as contradições de Manaus, porque viajava e conhecia diferentes mundos, culturas de povos da Amazônia e da Europa. Estava com os “pobres nativos”, do interior do Amazonas, que assim como os da cidade, em nada se beneficiavam com a

ascensão da aldeia. Se os pobres da cidade eram ninguém, o que dizer daqueles do interior, visitados pelo viajante, explorados pelos empresários da borracha e reféns do regatão? Como Stradelli percebia isso? Como depois se sentiria ao se tornar, além de imigrante, um pobre com lepra? De que maneira isso influencia sua escrita, a imagem construída por ele da Amazônia?

A primeira impressão que ele tem da cidade é boa, embora deixe dúvidas em alguns aspectos. Ao mesmo tempo em que a exalta, faz um paralelo com a decadência e a miséria de onde estivera antes, só não especificando se é da Itália/ Europa ou do interior do Amazonas. A princípio parece mesmo ser do interior, da situação de miséria dos indígenas, não fosse a referência mais adiante à precária e vergonhosa moral do povo europeu.

[...] O viajor que aqui chega com o coração oprimido com tanta decadência, deixai-me dizer bem a palavra, de tanta miséria, tanto mais salta aos olhos quanto é maior a riqueza natural da região, sente um verdadeiro alívio à vista da gentil cidade, que espelha-se nas escuras águas do rio; para mim era ainda maior, porque significava o repouso de uma longa peregrinação, em meio a pessoas amigas e benévolas (STRADELLI, p.226, 1889).

A exploração da borracha é tema recorrente em todos os três boletins discutidos neste estudo. Para Stradelli, o contato e as relações do homem “civilizado”, a Igreja e os vários atores da exploração do látex, com o índio são determinantes para a realidade deste na Amazônia. Apresenta-o como o “bom selvagem”. Após muitas observações das condições de vida dos indígenas, bem como sua bagagem teórica e literária - da qual ainda não se tem o devido conhecimento -, o contato com o branco rebaixa as culturas indígenas, porque aquela é muito marcada pela imoralidade. Faz duras críticas a própria sociedade da qual faz parte e desacredita.

[...] as missões perdem o tempo que ganham, ou talvez concorram involuntariamente para a corrupção mais rápida dos indígenas, impondo a fé sobre as tradições que os orientam, sem nada

reconstruir, suavizando a rudeza indígena sem poder subtrai-los ao **contato fatal de uma civilização corrupta**. É um fato que notei em todos os lugares: no dia em que o índio se fixa, deu o primeiro passo do próprio aviltamento, assinou o primeiro artigo de seu atestado de óbito. E então?... então a conclusão é dura, mas verdadeira; é preciso começar muito mais em baixo (sic) a obra da civilização, e **deixar o indígena tranqüilo em suas florestas, até o dia em que se tenha uma população civilizada o bastante, que apresente uma média de moralidade suficiente**, pouco importa se mais ou menos ortodoxa, **cujo contato seja capaz de elevar, e não de abaixar, o indígena**. Mas voltemos ao caminho, pois talvez eu esteja esperando pelo impossível (STRADELLI, p.210, 1889, Grifo nosso).

No relato sobre o Rio Uaupés³, não dá para entender bem o que Stradelli, de fato, pensa sobre os índios. Primeiro, ao analisar o progresso e a civilização, considera que o Brasil, por ser povoado por “[...] toda a indolência da raça indígena, é capaz de concepções grandiosas de impulso e de entusiasmo, mas faltar-lhe-á sempre a constância [...], a obstinação, que tanto caracteriza as raças nórdicas, para perseverar e ter sucesso” (279). Mais adiante, reconhece que quem enxerga o indígena como indolente e preguiçoso é aquele que não viveu na maloca, não estudou seus hábitos e costumes e deseja medir a atividade deles segundo “[...] nossos critérios” (286). Em seguida, descreve o dia-a-dia de trabalho na maloca. Assinala a solidariedade dos moradores, o trabalho coletivo, a divisão de tarefas (por gênero, idade etc), a propriedade da terra, a plantação e sintetiza sua impressão sobre o índio assim:

[...] a refeição está pronta [...]. Cada um, por sua vez, pega um pedaço de carne do prato comum, sem muita cerimônia [...]; e é uma ocasião em que o homem desaparece e fica só o animal. Pensei tantas vezes: é sobretudo na hora da refeição que se diferencia o selvagem do civilizado, já que no demais, aquele supera o outro (286-287).

O pensamento de Stradelli em relação ao índio pode ter sua origem naqueles que, partindo de Buffon, ajudaram a construir a imagem do Novo Mundo. As pesquisas de De

³ “O Uaupés e os Uaupés” faz referência ao rio Uaupés e aos índios Uaupés. “Uaupés é nome dado mais modernamente pelos brancos, de quem foi o nome em primeiro lugar, não sei: é dado tanto aos habitantes quanto ao rio” (STRADELLI, p. 271, 1889).

Pauw, que discutem a obra de Buffon, ecoam na Itália de fins do Setecentos e do princípio do Oitocentos. Lidas por muitos, facilmente encontradas em bancas de revistas do país, e tema de discussões de Paolo Frisi, Gian Rinaldo Carli, Pietro Verri, Ferdinando Galiani, Filippo Briganti, Lazzaro Spallanzani, Carlo Giuseppe Londonio, Ennio Quirino Visconti, Federico Confalonieri, entre outros. (Gerbi, 1996).

A imagem do Novo Mundo balançava entre “o bom e o mau”; “a natureza e a sociedade”; “a selvageria e a civilização”; “o débil e o forte”; “o pequeno e o grande”. A variação se deve a explicações por meio de determinismos ora raciais ora climáticos e geográficos. Esse Novo Mundo se torna um símbolo plástico de sonhos e esperanças do Velho, deixando à vista os aspectos deteriorados da civilização européia. Se no início Buffon orientou o movimento das idéias de um mundo degenerado e débil, mais tarde, sob influência evolucionista, passa a ver o mesmo Novo Mundo e sua população como a infância da humanidade, mas ainda menos ativa e com certa preguiça contemplativa; indolente, sim.

A imigração como *elghorba* (exílio) apresentada por Sayad (1998), com o exemplo de Mohamed, um camponês, filho de viúva, que sai de sua aldeia para a França em busca de dignidade, exemplifica bem o romantismo na ilustração do Novo Mundo, o lugar para o qual se parte. Este sendo a luz, a esperança, a felicidade; e o Velho, a escuridão, a frustração, a infelicidade. A partida para o Novo Mundo representa o encontro com a felicidade e a realização. No entanto, ao chegar a França, descobre-a real: escura, triste e infernal. Logo, ela deixa de ser ilusão de paraíso para amarga realidade. Transpondo para o Novo Mundo, fica mais compreensível a plasticidade de seu retrato.

O nobre Stradelli, vindo da terra prometida da Europa, talvez lá tenha lido os poemas de Paolo Frisi, exaltando um mundo encantado de jovens indígenas nus e inocentes e, de velhos caciques bons e sábios, em florestas balsâmicas e de campos fecundos. Ou seu entusiasmo venha das leituras de Galiani, Maquiavel e Vico e tenha tido influências de ordem

política e civil, isto é, por um estado jovem, forte, em pleno fluxo ascendente (Gerbi, 1996).

Ou, quem sabe, os trabalhos de Redi contra o comércio geral e, principalmente, o colonial.

Isso pode explicar a crítica à exploração do índio por comerciantes:

Os índios só precisam do estritamente necessário de todos os dias; não obstante, a colheita da mandioca é muito superior ao consumo dos produtores; e estes vagabundos que fornecem a maior parte da farinha, a preços muitas vezes vis a quase todos os “ativíssimos” moradores do Rio Negro [...] É certo que, sobretudo para os pequenos comerciantes, que nunca acham ter explorado o suficiente o índio, este nunca deixa de ser ocioso, vagabundo [...]. E como se isso não bastasse, o comerciante trata o índio como o último dos seres [...] (STRADELLI, p.288, 1889)

Os relatos de Stradelli retratam uma Amazônia corrompida pelo homem europeu e sua moral de civilidade degradante, do comércio colonizador, sustentado pela exploração dos mais fracos e puros. O choque de culturas diferentes cria diversos problemas, principalmente, para o índio, cujo modo de vida, além de incompreendido, é sufocado pelo do branco colonizador, que o trata como indolente e inferior.

A Amazônia de Stradelli reflete os conflitos de dois mundos diferentes: o Velho e o Novo, a cidade e o interior do estado, o branco e o índio. O capitalismo europeu, o modo de vida do branco, invade o paraíso da paz e da solidariedade do índio, e transforma o modo de vida de todos. Manaus, a rainha do Rio Negro, é resultado dessa troca desigual. Isso fica claro na “Paris dos Trópicos”, transformada para uma pequena elite, em nome de uma estética e uma cultura diferente daquela sufocada pelo colonizador europeu, cuja origem é pobre e marginalizada; características do Novo Mundo. Algo que desabona e é o contrário da civilidade européia. “A exaltação do Novo Mundo continuará de década em década, até hoje, sempre com uma entonação, quem sabe involuntária, de menosprezo ou condescendência para com a Europa e o resto do mundo” (GERBI, p.409, 1996).

Apesar de sua indignação diante da injustiça vivida pelos povos indígenas, e também de suas limitações (de teorias, de entendimento, de poder, de dinheiro), Stradelli registrou o que via e ouvia de valioso: as culturas dos povos da Amazônia. Escreveu sobre o desrespeito da Igreja aos costumes deles, que fica mais nítido quando fala sobre a Lenda do Jurupari; visto pelo clero como demônio, mas pelos índios como um grande legislador, justo e poderoso.

A mensagem existente no retrato da Amazônia de Stradelli é a da tolerância e do respeito às diferenças culturais. E isso só pode ser feito através do conhecimento. O viajante italiano deu alguns passos nessa direção. Contribuiu significativamente para o conhecimento de culturas diferentes da sua, registrando-as e divulgando-as. Esse é também o trabalho dos cientistas sociais. Levar às pessoas o conhecimento de mundos diferentes, na esperança de que todos possam compreender e respeitar mundos diversos dos seus. Assim, Stradelli foi um cientista social na Amazônia e contribuiu para o conhecimento, para a ciência e para o esclarecimento do encontro das sociedades indígenas e européias.

4 CONCLUSÕES

O conde italiano Ermanno Stradelli percorreu os rios e florestas da Amazônia. Observou e registrou, em escritos e fotografias, as culturas dos povos que ali viviam. O entendimento do Novo Mundo, contudo, começara muito antes de sua chegada à região. Seja lendo as pesquisas de concidadãos, seja ouvindo relatos de experiências e opiniões, que rapidamente se espalhavam no Velho Mundo, a terra distante com pessoas diferentes já era conhecida por ele.

A chegada possibilitou a aproximação com um mundo muito diferente do seu, mas que Stradelli soube respeitar à medida que conviveu e conheceu as culturas dos povos da Amazônia. Com cuidado e atenção, o naturalista descreveu o que viu e criticou o que o incomodou, deixando claro ao leitor quando se tratava de um juízo de valor ou não.

Esse retrato da Amazônia é apenas um, entre vários, construídos pelos viajantes que por ali passaram e confrontaram não somente o Velho Mundo e o Novo, mas também o Novo de antes e o de depois da chegada. Ou seja, é preciso chegar à Amazônia, para conhecer a verdade. Conhecer a Amazônia. Havia um encontro de mundos, experiências e expectativas, que levaram à construção de Amazônias, que, por sua vez, podem ser compreendidas à luz das lentes da arte da compreensão, o método Hermenêutico, apoiado por outros “fazedores da Ciência de/ sobre o homem”.

O tema está longe de ser esgotado. Quanto mais se investigou, mais foram descobertos aspectos passíveis de discussões, como também diferentes formas de observação. O importante, afinal, é a reflexão sobre a obra de Stradelli, para que sua obra seja lembrada entre as daqueles homens de Ciência, alguém que se dedicou a construir uma memória do conhecimento da Amazônia. Deu um passo em direção a busca de respeito pelas diferenças culturais dos homens, pelos diferentes modos de vida. E ainda, pelo respeito à existência de mundos diferentes.

Para finalizar, é interessante assinalar a revisão das referências bibliográficas do curso de Ciências Sociais, bem como da dedicação de alguns docentes para a formação dos “mundos” da bolsista. A iniciação científica foi de fato um momento de releituras e debates das teorias de obras trabalhadas durante o curso. Um momento de reflexão e emprego desse vasto material aos temas-problemas tão presentes diariamente, desde muito tempo atrás, como as relações entre pessoas e culturas diferentes.

FONTES E REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. Período clássico da hermenêutica filosófica na Alemanha. São Paulo: Edusp/ FAPESP, 1994.

A Imprensa, Manaus, 24 mar 1917. A vida publica, Tesouro do Estado, p.3.

A Imprensa, Manaus, 28 abr 1917, Vida publica, p.2.

BARAHÚNA, Epaminondas. Buopé: o guerreiro magnânimo do Uaupés. Manaus: Governo Estado Amazonas, Seduc, 1982.

BARTOLINI, Graziano. Vaupés: il fiume di stelle e la palma della musica. Riciputi e Zattini, 1999.

BECKER, Howard. Representações. In: Segredos e truques da pesquisa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BELLO, Angela Ales. Fenomenologia e Ciências Humanas. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BERTONHA, João Fábio. Os italianos. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BIBLIOTECA Virtual do Amazonas, acesso em abril/ 2009, disponível em:
http://www.bv.am.gov.br/portal/conteudo/biblioteca_virtual/sobre_biblioteca.php

BITTENCOURT, Agnello. Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.

BOFFA, Guido; MANERA, Danilo. Vídeo-Documentario. Yurupari: rito e danza della memoria indigena. Cesena: Riciputi e Zattini, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: O poder simbólico. Lisboa/ Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand, 1989, p.17-58.

CASCUDO, Luís da Câmara. Em memória de Stradelli. (Org) Tenório Telles. 3 ed. rev. Manaus: Valer, Governo do Estado do Amazonas, 2001.

CONOSCI L'ITALIA. L'Italia storica. Milano: Touring Club Italiano, 1961, 05 v.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Belém: MPEG/CNPq/SCT/PR, 1991.

DELTA UNIVERSAL Enciclopédia. Rio de Janeiro: Delta S. A., 1980.

FAULHABER, Priscila. Nos varadouros das representações: redes etnográficas na Amazônia do início do século XX. Revista de Antropologia da USP, São Paulo, v. 40, n.2, 1997.

FONTANA, Riccardo. A Amazônia de Ermanno Stradelli. Brasília: [R. Fontana], 2006. 91 p.

FREIRE, José Ribamar Bessa; PEIXOTO, Geraldo Sá; ROCHA, Luiz Bitton Telles da; SAMPAIO, Patrícia Maria Melo; SANTOS, Francisco Jorge dos; TADROS, Vânia Maria Tereza. Cem anos de imprensa operária no Amazonas (1851-1950): catálogo de jornais. Manaus, 1990.

GADAMER, Hans-Georg. Hermenêutica em retrospectiva: Heidegger em retrospectiva. vol 1. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2007.

_____. Hermenêutica em retrospectiva: A virada hermenêutica. vol 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 7 ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, Bragança Paulista/ SP: Editora Universitária São Francisco, 2005.

_____. Verdade e método II: complementos e índice. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2002.

GERBI, Antonello. O novo mundo: história de uma polêmica (1750-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONDIM, Neide. A invenção da Amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1994.

ISENBURG, Teresa (Org). Naturalistas italianos no Brasil. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

LAWN, Chris. Compreender Gadamer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LOUREIRO, Antonio José Souto. Discursos proferidos, na noite de 23 de março de 2002, durante a sessão de posse do acadêmico Antonio José Souto Loureiro. Cadeira nº 34. Patrono Ermanno Stradelli. Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2002, p. 2-38.

MANERA, Danilo. Ermanno Stradelli. Biografia e obras. Nota de pesquisa (1999). Yurupari: i flauti dell'anaconda celeste. Milão: Feltrinelli Traveller, 1999.

MORAES, Péricles. Os intérpretes da Amazônia. Manaus: Valer, Governo do Estado do Amazonas, 2001 (Coleção Poranduba, vol 4).

MOREIRA NETO, Carlos Araújo. Presença de italianos no processo histórico brasileiro. In: HOONAERT, Eduardo; MOREIRA NETO, Carlos Araújo; PETRUCCI, Valeria; RIBEIRO, Berta. A Itália e o Brasil indígena. Rio de Janeiro: Index, Fundação Roberto Marinho, 1983, p 25-39.

OLIVEIRA, José Aldemir de. Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso. Manaus: Valer; Governo do Estado do Amazonas; Edua/ Ufam, 2003.

PALLADINO, Andrea. Stradelli: il figlio del serpente incantato. 2006. Trailer do filme-documentário. Disponível em: www.ermannostradelli.com. Acesso em: 20 agosto 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. A hermenêutica bíblica. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. História e verdade. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.

_____. O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ROCHA, Luiz Bitton Telles da. Práticas imaginéticas nas retratações da Amazônia: séculos XVI, XVII e XVIII. São Paulo: Dissertação de Mestrado na Puc/ SP, 1998, p. 259-86.

ROOSEVELT, Anna Curtenius. Arqueologia amazônica. In: CUNHA, M. Carneiro da (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras / Secretaria Municipal de Cultura / FAPESP, 1998, p. 53-86.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. Hermenêutica: arte e técnica da interpretação. 5 ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

SOCIETÀ Geografica Italiana, acesso em abril/ 2009, disponível em:
<http://www.societageografica.it/presentazione/index.htm>

SOUZA, Marcio. A literatura na Amazônia: as letras na pátria dos mitos. 2004 Disponível em: www.marciosouza.com.br/interna.php?nomeArquivo=coluna_literatura. Acesso em: 20 agosto 2008.

STRADELLI, Ermanno. Contro l'immigrazione nei paesi dell'alto Orenoco. Bolletino della Società Geografica Italiana. Junho, 1888. Roma, 1888.

_____. Dall'isola Trinidad ad Atures. Bolletino della Società Geografica Italiana. Outubro-novembro, 1887. Roma, 1887.

_____. Inscrições Indígenas da região dell'Uaupés. Bolletino della Società Geografica Italiana. Março-1900. Roma, 1900.

_____. L'Uaupés e gli Uaupés. Bolletino della Società Geografica Italiana. Março-1890. Roma, 1890.

_____. La leggenda dell'Jurupary e outras lendas amazônicas. Caderno nº4. São Paulo: (Org) Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo, 1964, 103 p.

_____. Leggenda dell'Jurupary. Bolletino della Società Geografica Italiana. Julho-1890/Agosto-1890. Roma, 1890.

_____. Leggenda del Taria. Bolletino della Società Geografica Italiana. Março-1896. Roma, 1896.

_____. La spedizione Stradelli alle sorgenti dell'Orenoco. Bolletino della Società Geografica Italiana. Março-1887/ julho-1887. Roma, 1887.

_____. Mapa Geográfico do Estado do Amazonas. Escala 1.2.222.000. V. Porta. Editore. Piacenza. Italia, 1901.

_____. Mapa do Rio Branco, com esboço do trecho encachoeirado. Desenhado por J. Ourique. C. C. Meinhold e Sohne. Dresden, 1906.

_____. Note de viaggio nell'alto Orenoco. Bolletino della Società Geografica Italiana. Agosto-1888/ Setembro-1888. Roma, 1888.

_____. Pitiapo. In: La leggenda dell'Jurupary e outras lendas amazônicas. Caderno nº4. São Paulo: (Org) Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo, 1964, 103 p.

_____. Rio Branco, note di viaggio. Bolletino della Società Geografica Italiana. Março-1889/ Abril-1889. Roma, 1889.

_____. Vocabulários Nheengatu-Português e Português-Nheengatu: gramática e algumas lendas. In: Revista do Instituto Histórico Brasileiro. Tomo 104, volume 158, 2º de 1928. Rio de Janeiro, 1929, 768 p.

_____. De Cucuí a Manaus (1889). In: ISENBURG, Thereza. Naturalistas Italianos no Brasil. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

VANZOLINE, Paulo. Contribuições zoológicas dos primeiros naturalistas viajantes do Brasil. Revista da USP: Dossiê Brasil dos Viajantes, São Paulo, n. 30, p. 192-231, Edusp, jun/ jul/ ago 1996.

AGRADECIMENTOS

Ao conde ítalo-amazônico Ermanno Stradelli,
meus sinceros e eternos agradecimentos.

Uma pesquisa de iniciação científica é a princípio um estudo simples, sem tantas dificuldades, se comparado às de mestrado e doutorado e, por isso, talvez, seja considerada por muitos como de menor importância. Mas, quem sabe, justamente por se tratar de um primeiro contato com o “fazer ciência”, seja ela um momento determinante na formação do pesquisador, no qual se coloca em cheque alguns princípios éticos de sua condição. Momento de se perceber mais claramente o tipo de profissional que se deseja ser; ou não.

Diante disso, muito obrigada ao meu professor e orientador, Renan Freitas Pinto, por me fazer acreditar que a generosidade é qualidade também possível aos pesquisadores, iniciantes ou doutores; ao professor Marco Aurélio Paiva, por me ensinar, com carinho e respeito, o que é uma iniciação científica; aos amigos Jordeanes Araújo, Bruno Leal, Frederico Arruda e Joaquim Melo, por estarem sempre presentes e pelas conversas esclarecedoras; a professora Bevenuta Alencar, pelos constantes estímulo e exemplo; ao professor Geraldo Pinheiro, pelas indicações de fontes; a professora Aurora Fornoni, pela delicadeza em responder meus emails; aos professores Thereza Menezes e Sergio Ivan Gil Braga, pelas boas aulas e exemplos de docência a serem seguidos; aos funcionários das bibliotecas visitadas, que, sempre pacientes e prestativos, me atenderam muito bem; a minha mãe, há muitos anos professora de Parasitologia desta instituição, mas que hoje sabe um bocado sobre Hermenêutica.